

---

## A linguística e a semiótica no quadro geral das ciências: Navelle, Saussure e Peirce\*

Winfried Nöth<sup>i</sup>

Tradução: Victor Sancassani<sup>ii</sup>

---

**Resumo:** O artigo examina o lugar da Semiótica e da Linguística, bem como de seus precursores históricos, no quadro geral das ciências. As classificações anteriores das ciências consideradas incluem aquelas de Aristóteles, dos escolásticos, de Francis Bacon e John Locke. O foco deste artigo está nos sistemas do século XIX. Após uma rápida leitura dos sistemas de André-Marie Ampère e de Roswell Park, o estudo volta-se para as classificações da Linguística e da Semiótica dentro dos sistemas de Adrien Navelle, Ferdinand de Saussure e Charles S. Peirce. O artigo fornece um breve panorama das visões do século XX do lugar da Linguística em relação à Semiótica, antes de concluir com um estudo sobre a Semiótica entre as ciências do século XXI.

**Palavras-chave:** classificação das ciências; linguística; semiótica; Ferdinand de Saussure; Charles S. Peirce.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.216380>.

<sup>i</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [noeth@uni-kassel.de](mailto:noeth@uni-kassel.de). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2518-9773>.

<sup>ii</sup> Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [vsancassani@gmail.com](mailto:vsancassani@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5579-7393>.

## Introdução

Onde estão localizadas as disciplinas acadêmicas da Linguística e da Semiótica no quadro mais geral das ciências? Na nossa era de especialização crescente, na qual novas disciplinas acadêmicas estão crescendo rapidamente como cogumelos e as ciências, como um todo, estão mais parecidas com um rizoma deleuziano do que com uma taxonomia de Lineu, essa questão parece ter se tornado marginal ou mesmo irrelevante. Atualmente, o lugar de uma disciplina acadêmica parece ser mais uma questão de organização das universidades em faculdades e departamentos de acordo com os princípios da eficiência administrativa. Isso era diferente no século XIX, quando as ciências ainda eram consideradas um sistema no qual os campos de pesquisa individuais tinham um lugar que poderia ser determinado segundo princípios científicos.

Projetos que desenvolvem sistemas gerais das ciências começaram a desaparecer gradualmente da agenda da filosofia da ciência do século XX – ao menos no contexto da Semiótica. No entanto, ainda vale ressaltar e revisar como a Linguística e a Semiótica estão localizadas no quadro geral das ciências pelos fundadores da semiótica moderna, visto que Charles S. Peirce e Ferdinand de Saussure tinham concepções referentes a essa questão, indicativas de suas respectivas perspectivas em relação à Semiótica. Enquanto os sistemas gerais das ciências não estão sendo amplamente discutidos, um tópico relacionado, ou seja, a questão da Semiótica ser em si uma ciência, uma disciplina acadêmica, uma doutrina, uma teoria, uma interdisciplina, uma perspectiva transdisciplinar ou alguma outra coisa, está continuamente em discussão. Para um estudo crítico e bibliográfico dessa questão, veja Nöth (1990b) e Sebeok (2001, p. 8).

### 1. Precursores: de Aristóteles a Locke

No início da história do plano ambicioso de elaborar um panorama compreensível ou ainda um sistema das áreas mais importantes do conhecimento humano, as classificações das ciências elaboradas por Aristóteles, pelos filósofos medievais e por Francis Bacon são os pilares intelectuais. A Semiótica e a Linguística não eram ainda mencionadas explicitamente em quaisquer desses sistemas, mas seus precursores e seus elementos foram. No sistema triádico de Aristóteles, que divide as ciências entre as Ciências Teóricas, Práticas e Produtivas, os elementos da semiótica podem ser encontrados nas últimas, que incluem a retórica e a poética. As primeiras e as segundas ciências lidam com o estudo da natureza e da ética, respectivamente. No entanto, se considerarmos a lógica como a precursora da semiótica, tal como Peirce, é possível notar que esse campo de estudo não foi incluído em nenhum dos três ramos das ciências aristotélicas, mas pertence a um outro domínio do

conhecimento comum a todas as áreas de investigação, que é o tópico do *Organon* de Aristóteles (ver Shields, 2006).

A Idade Média teve a bem-conhecida divisão das ciências em sete artes liberais com o *trivium* da Gramática, Retórica e Lógica, e o *quadrivium* da Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Aqui, a Linguística Moderna deparou-se com a sua disciplina precursora na arte liberal da Gramática, enquanto os elementos da Semiótica poderiam ser encontrados tanto nas artes da Gramática como da Lógica (ver Meier-Oeser, 2006).

Em *O progresso do conhecimento* (1605) de Francis Bacon, a divisão das ciências também é triádica, sendo a tríade fundamental composta por aquilo que Bacon considerava as três faculdades elementares do homem: Memória, Imaginação e Razão. Consequentemente, os três principais campos de estudo do conhecimento humano são a História, a Poesia e a Filosofia. A Filosofia, por sua vez, também possuía três ramos: as Doutrinas da Natureza, da Divindade e do Homem, dos quais o último fornece o quadro geral para o estudo dos elementos baconianos de Linguística e Semiótica (Bacon, 2006, p. 163-227 [1605, §367-417]).

Entre os tópicos semióticos da “Doutrina do Homem” estão a gramática e a fala em língua nativa e estrangeira, a lógica e a arte da argumentação, a retórica. Bacon propõe um modelo do signo verbal segundo o qual “as palavras não são senão os signos ou sinais correntes das Noções Populares das coisas” (Bacon, 2006, p. 190), mas o seu panorama semiótico também inclui signos não-verbais para o estudo daquilo que ele concebeu como a “Doutrina dos Gestos”. Os outros tópicos semióticos de sua “Doutrina do Homem” incluem a “Fisiognomonía” e a “Interpretação dos Sonhos Naturais”. Ele rejeitou o menosprezo racionalista dos sentidos na cognição e propôs uma teoria empírica da cognição para o estudo da imaginação, dos sentidos e da sensibilidade, da percepção e da razão. Ao invés de condenar a natureza enganosa dos sentidos, Bacon atribui aos sentidos o papel de “informantes à mente [...] mais que suficientes para certificar e comunicar a verdade” (Bacon, 2006, p. 191).

A concepção de Bacon das ciências como um todo não é a de um sistema taxonômico ou hierárquico. Em vez disso, o seu modelo é o de um organismo biológico. Isso torna o seu sistema menos racionalista e mais moderno do que aqueles de alguns de seus sucessores na história da filosofia. A metáfora da “árvore do conhecimento” foi comumente atribuída a Bacon e caracteriza, de fato, a sua perspectiva sobre as ciências, mas ele nunca a usou de modo literal. Ao invés disso, ele usou o seguinte paralelo com a “árvore do conhecimento” em *O progresso do conhecimento*:

As distribuições e divisões do conhecimento não são como as várias linhas que se tocam em ângulo, e assim se reúnem num ponto, mas sim como os ramos de uma árvore, que antes de separar-se e

diferenciar-se, confluem num tronco que em sua dimensão e quantidade é inteiro e contínuo, [...] como a via principal ou comum que há antes que os caminhos se dividam e separem (Bacon, 2006, p. 136).

Em 1620, Bacon também se refere ao sistema do conhecimento como uma “teia”: “O conhecimento, que é entregue aos outros como uma teia ainda a ser tecida, deve, se possível, ser introduzido na mente de outro da maneira que ele foi primeiramente adquirido [...]” (1815 [1602], p. 39, tradução nossa).<sup>1</sup>

A “divisão das ciências” proposta por John Locke no capítulo 21 de seu último livro, intitulado *Ensaio acerca do entendimento humano* (1690) merece uma menção especial, visto que esse tratado é o primeiro a incluir a Semiótica como um ramo principal das ciências. A classificação de Locke também é triádica. Os seus principais domínios do universo do conhecimento são a *physica*, a *practica* e a *semeiotica*. Enquanto a *physica*, a precursora das ciências naturais, preocupa-se com “o conhecimento das coisas, como elas são em seus próprios seres”, a *practica* (ética) é “a perícia de aplicar corretamente nossos próprios poderes e ações para a obtenção das coisas boas e úteis” (Locke, 1978, p. 343). O termo aproxima-se à *Ética* tal como ela foi concebida séculos mais tarde. O terceiro domínio do conhecimento humano, a *semeiotica*, é a doutrina dos signos, que inclui o estudo das palavras e da lógica. Nesse contexto, John Locke apresenta a sua famosa definição de “palavras como os grandes instrumentos do conhecimento” (Locke, 1978, p. 344) e do signo verbal como representações de ideias, que, por sua vez, são representações de objetos da realidade:

O terceiro ramo pode ser denominado *semeiotiké*, ou a *doutrina dos sinais*, o mais usual são as palavras, e isto é adequadamente denominado também *logiké*, *lógica*, cuja função consiste em considerar a natureza dos sinais que a mente utiliza para o entendimento das coisas, ou transmitir este conhecimento a outros. Pois, desde que as coisas que a mente contempla não são nenhuma delas, além de si mesmas, presentes no entendimento, é necessário que algo mais, como o sinal ou representação da coisa considerada, deva estar presente nele, e estas são as ideias. E porque a cena das ideias que formam o pensamento de um homem não pode estar inteiramente aberta à inédita visão de outrem, [...] portanto, para comunicar nossos pensamentos mutuamente, assim como para registrá-los para nosso próprio uso, sinais de nossas ideias são igualmente necessários; estes, que os homens descobriram ser mais convenientes [...] são *sons articulados*. A consideração, pois, das *ideias* e palavras como os grandes instrumentos do conhecimento não representa aspecto desprezível da contemplação de quem observaria o conhecimento humano em toda a sua extensão. E, talvez, se fossem distintamente pesados e devidamente considerados, nos oferecessem outro tipo de lógica e crítica,

---

<sup>1</sup> Citação na língua de origem: “Knowledge, which is delivered to others as a web to be further wove, should, if possible, be introduced into the mind of another in the manner it was first procured”.

diferente daquela com que até temos nos familiarizado (Locke, 1978, p. 343-344).

Com essa tríade, *physica*, *practica* e *semeiotica*, Locke reduz assim o sistema medieval das sete artes liberais a dois, *physica* e *semeiotica*, condensando o *quadrivium* da Aritmética, Geometria, Música e Astronomia a um só, ou seja, à Física, no sentido das ciências naturais, e o *trivium* da Gramática, Lógica e Retórica a outro, ou seja, à Lógica, chamada de Semiótica. A *practica*, a precursora da Ética, do Direito e das Ciências Sociais, é o novo acréscimo de Locke ao cânone medieval das ciências. A redução do *trivium* da Gramática, Lógica e Retórica à Semiótica é um sintoma daquilo que na época de Locke foi chamado de declínio da Retórica. A razão pela qual Locke não incluiu a Gramática em sua lista das ciências fundamentais de sua época é o tema de um estudo de Uzgalis (2016).

## 2. Os sistemas “pantológicos” das ciências anteriores ao século XXI

Em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (2016 [1966]), Foucault argumenta que a classificação e a taxonomia eram as epistemes predominantes da Era da Razão (Foucault, 2016 [1966]). No entanto, para o projeto da classificação das ciências, foi somente no século XIX que o ambicioso projeto de estabelecer sistemas abrangentes de classificação alcançou o seu ápice, que ocasionalmente resultou em um excesso hipertrófico, como será visto adiante.

Um exemplo sintomático das perspectivas sobre a classificação das ciências do início do século XIX é *Essai sur la philosophie des sciences* (1834) de André-Marie Ampère, no qual o autor visa o objetivo de uma “classificação natural” das ciências, a exemplo de sistemas de classificação conhecidos pela Geologia, Botânica e Zoologia. Conforme Williams aponta, o sistema de Ampère, a princípio, dá a impressão de “uma lista fantástica e desconexa de objetos possíveis de investigação” (Williams, 1970, v.1, p. 139), que então se revelou estruturado segundo um esquema bastante simples. O sistema divide as ciências segundo um princípio estritamente binário em três níveis de profundidade, resultando em um diagrama de árvore com nada menos que 128 ciências, algumas ainda não existentes, mas eram postuladas de acordo com a lógica binária do sistema classificatório de Ampère (ver Rötzer, 2003, p. 203-206). A Semiótica não foi incluída no sistema, mas seus elementos podem ser encontrados dentro do ramo da “Psicologia Elementar”, cuja divisão binária resulta na distinção entre a Lógica e a “Psicografia”. A Linguística é chamada de “Glossologia” e divide-se em “Lexicologia” (também subdividida em “Lexicografia” [*sic*] e “Lexiognose”) e “Glossognose” (subdividida em “Glossonomia” e “Filosofia das Línguas”).

O sistema radicalmente binário de Ampère divide as ciências em dois ramos fundamentais, a fim de distinguir as Ciências “Cosmológicas” das “Noológicas”. As primeiras lidam com os fenômenos do mundo material, ao passo que as últimas, com o mundo das ideias. Tal divisão preconizou a divisão das ciências do século XIX em *Geistes-* e *Naturwissenschaften*, eternizadas no século XX na influente palestra sobre *As Duas Culturas* (1959) de C. P. Snow, que supostamente comprovou uma ruptura fundamental dos domínios do conhecimento entre as Ciências Naturais e as Humanidades (Snow, 1961[1959]).

A fim de ilustrar o método de divisão de um sistema classificatório geral das ciências do século XIX, a Figura 1 apresenta o sistema completo das ciências que o Rev. Roswell Park, da Pensilvânia, claramente inspirado por Ampère, publicou sob o nome de *Pantologia*, em 1843. Assim como Ampère, Park classificou a Linguística sob o nome de “Glossologia”, que ele concebeu como um ramo da “Psiconomia”. A sua subdivisão idiossincrática da “Glossologia” distingue-se entre os quatro ramos da “Gramática Geral”, das Línguas “Orientais”, “Europeias” e “Bárbaras”. A Lógica, assim como no sistema de Ampère, descende da “Psiconomia”, mas pertence agora ao ramo da “Psicologia”. O sistema completo tem o formato diagramático de uma palmeira. Note como essa palmeira do conhecimento da Figura 1, por licença criativa do autor, sofre de uma anomalia botânica. O tronco ainda indiviso na parte inferior, que representa o domínio comum entre todos os campos do conhecimento, ramifica-se em dois, enquanto a família botânica das palmeiras (*Arecaceae*) possui troncos indivisos.



### 3. Saussure e Naville

Saussure discute suas ideias sobre o lugar da Linguística e da Semiótica (sua *Semiologia*) no cânone das ciências no tópico 3 do capítulo III da Introdução de seu *Curso de Linguística Geral*. O principal interesse do autor está na relação entre a Linguística e a Semiologia, a ciência que, como ele previu, estava destinada a fornecer um quadro geral para a Linguística, bem como para outros sistemas de signos, tais como a escrita, as línguas de sinais, “ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc.” (Saussure, 2006, p. 24 [1916]). Sob o título de “Lugar da língua nos fatos humanos. A Semiologia”, Saussure explica que:

[A Semiologia] nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.

Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia; a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos (Saussure, 2006, p. 24).

Saussure concebe, então, a Semiologia como um ramo da Psicologia, mas parece ter ficado um tanto indeciso se, ao invés disso, ela não deveria também ser concebida como um ramo da Sociologia, pois, em diversas passagens de seu *Curso*, ele caracteriza a Semiologia como uma ciência das instituições sociais, uma disciplina relacionada aos estudos das instituições judiciárias.

Conforme se segue, Roy Harris (2000) lembra-nos que a *Nouvelle Classification des sciences* (1901) de Naville antecede o *Curso* de Saussure em uma década: “O nascimento da Semiologia saussuriana foi anunciado, um tanto prematuramente, em 1901, em *Nouvelle Classification des sciences* de Adrien Naville, [...] uma versão revisada e expandida de um trabalho do mesmo autor que data de 1888” (Harris, 2000, p. 41). As ideias de Saussure estão claramente em acordo com o que Adrien Naville, seu colega na Universidade de Genebra, escreveu sobre as duas ciências em 1901. Teria Saussure ignorado as exposições de Naville referentes à Semiologia, em suas conferências sobre *Linguística Geral* entre 1906 e 1911, como uma ciência que ainda não existia?

Engler (1980) mostrou que esse não era o caso. Ao invés disso, não foi Saussure que retirou o termo de Naville, mas foi Naville que o tomou de Saussure. Em 1888, Naville não havia mencionado ainda a “Semiologia” em sua primeira edição de sua *Classification*. Na verdade, Naville dá créditos explicitamente a Saussure, quando ele classifica a Semiologia e a Linguística como dois ramos da Sociologia e, como Engler comenta (Engler, 1980, p. 4),

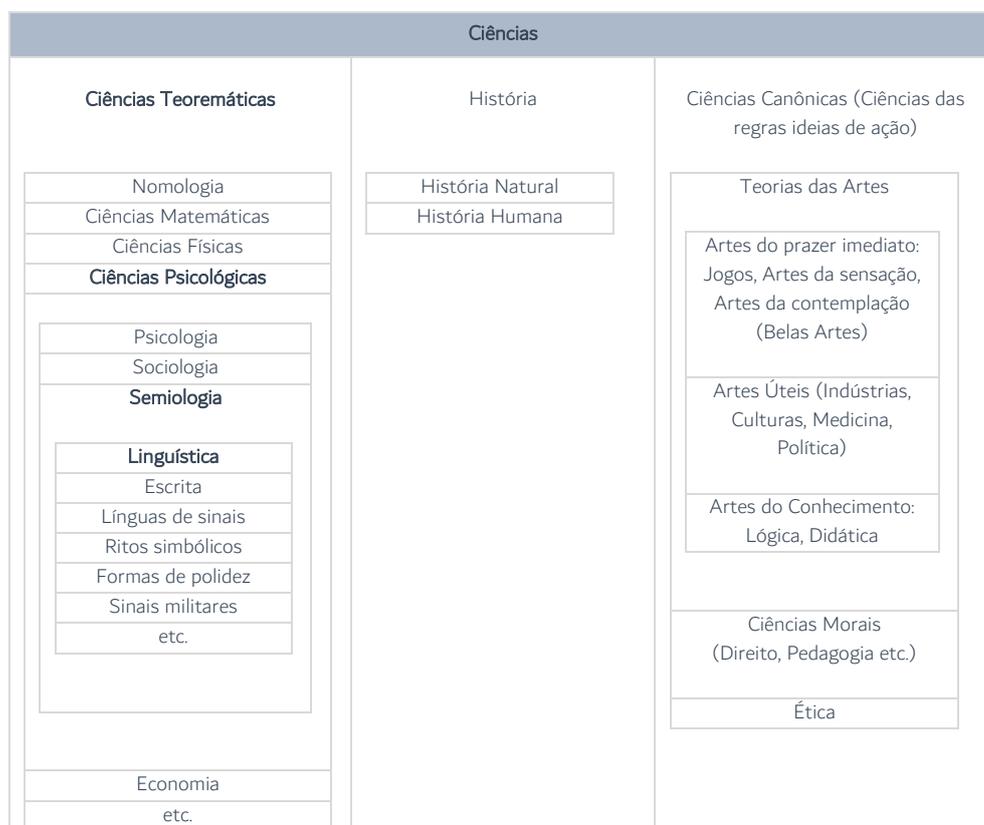
Saussure pôde de fato ter ele mesmo formulado a passagem para a nova edição de 1901, da *Nouvelle Classification* de Naville:

A Sociologia [...] deve admitir como dadas todas as condições sem as quais não podemos representar a vida social. Quais são as condições? Eu não sei se a ciência já as distinguiu e enumerou suficientemente. Uma das mais evidentes é a existência de signos pelos quais os seres associados dão a conhecer os sentimentos, os pensamentos e as vontades uns dos outros. O Sr. Ferdinand de Saussure insiste na importância de uma ciência muito geral, que ele chama de *Semiologia* e cujo objeto seriam as leis da criação e da transformação dos signos e dos seus sentidos. A Semiologia é uma parte essencial da Sociologia. Como o sistema de signos mais importante é a linguagem convencional dos homens, a ciência semiológica mais avançada é a *Linguística* ou a Ciência das leis da vida da língua (Naville, 1901, p. 103-104).

Qual é o lugar da Linguística e da Semiótica, ou Semiologia, no quadro geral do sistema das ciências de Naville (ver Schinz, 1903)? Naville postula uma divisão triádica das ciências em geral (Figura 2). A primeira divisão triádica de seu sistema distingue entre as Ciências Teomáticas, as Históricas e as Canônicas. Segundo o autor, essas três ciências levantam três questões fundamentais: “O que é possível?”, “O que é real?” e “O que é bom?” (Naville, 1901, p. 12). As Ciências Históricas, por exemplo, focam nos fatos, naquilo que realmente é, como pode ser explicado e quais são as principais divisões da história. O terceiro ramo é chamado de Canônico ou “Poiético”, porque essas ciências preocupam-se com as “regras ideais de ação”; seus subdomínios são as Artes e as Doutrinas da Conduta Moral.

No nosso contexto, é de interesse a primeira das três divisões, as *Ciências Teomáticas*. Ele as define como as “ciências dos limites universais e das relações necessárias das possibilidades ou Ciências das Leis” (Naville, 1901, p. 179). Essas ciências dirigem-se ao domínio do que é possível, assim como ao das leis. As Ciências Teomáticas são subdivididas em outras quatro, (1) Nomologia, (2) Matemática, (3) Ciências Naturais e (4) Ciências Psicológicas. A Nomologia é uma mera “introdução à ciência”. Limitada à questão “o que pode ser conhecido”, ela estuda o conceito de lei em geral. As Ciências Naturais – Naville as chama de “Ciências Físicas” – incluem a Física, a Química e a Biologia. A quarta esfera das Ciências Teomáticas, a das “Ciências Psicológicas”, possui dois domínios: a Psicologia, em sentido estrito, e a Sociologia. É na última que encontramos a Semiologia, a Linguística, a Economia etc.

**Quadro 1:** O diagrama do sistema das ciências de Naville (com a Semiologia e a Linguística em negrito).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tendo a classificação da Semiologia e da Linguística como domínios da Sociologia, Naville diverge de Saussure, que, como citado acima, considerava “a função do psicólogo” determinar o lugar dessas duas ciências, mas tal divergência entre Naville e Saussure não deveria ser demasiadamente enfatizada. Primeiramente, o próprio Saussure, como mencionado acima, parece ter ficado de algum modo dividido se a Semiologia deveria ser preferivelmente concebida como um ramo da Sociologia, ao invés da Psicologia, quando ele define a Semiologia como uma ciência das instituições sociais, uma disciplina relacionada ao estudo das instituições judiciárias. Em segundo lugar, Naville classificou a Sociologia como um dos dois ramos das “Ciências Psicológicas”, nomeadamente, a “Psicologia propriamente dita” e a “Sociologia” (Naville, 1901, p. 101).

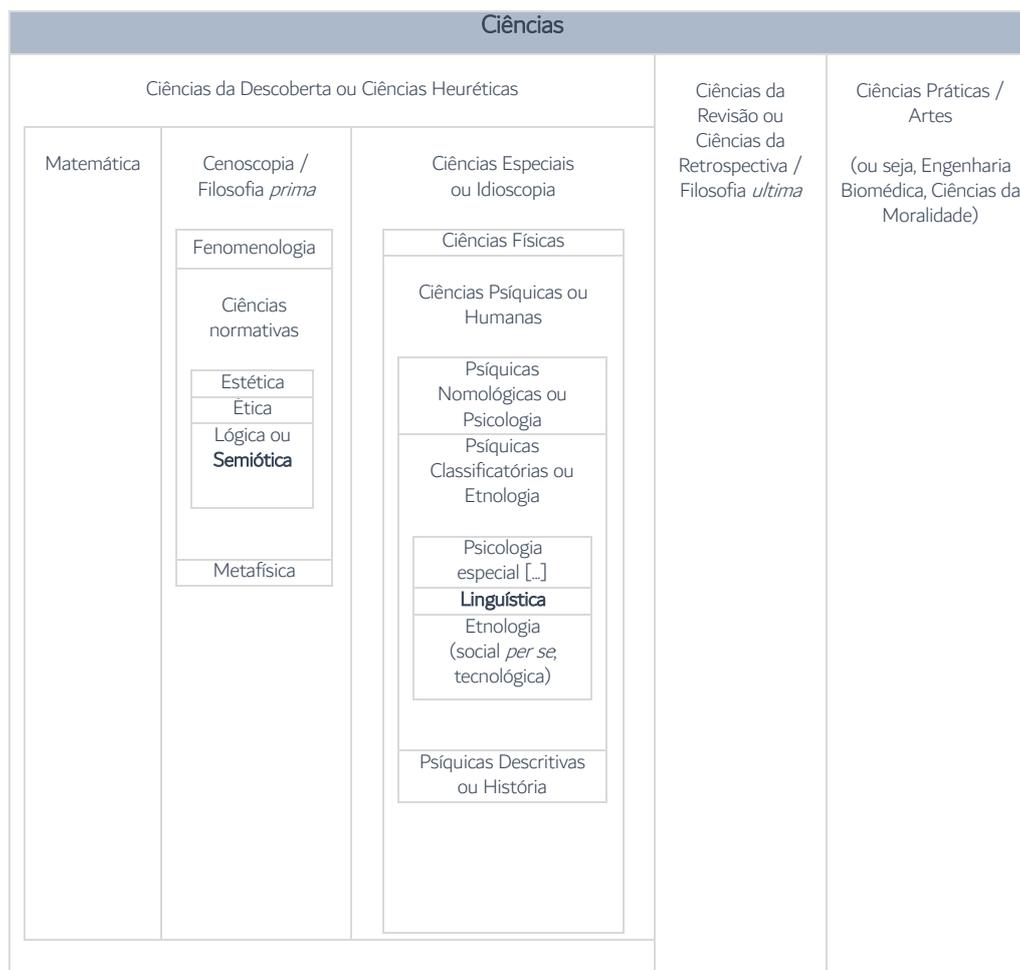
#### 4. Como Peirce localiza a linguística e a semiótica em seu sistema geral das ciências

A classificação das ciências é um tópico recorrente nos escritos de Peirce. Kent (1987), Pietarinen (2006) e outros fornecem pesquisas e discussões abrangentes. No contexto deste artigo, apoiamo-nos especialmente no texto *Outline classification of the sciences* de Peirce (EP2, 1903, v. 2, p. 258-262), que é um dos artigos em que o tópico é melhor desenvolvido.

O sistema das ciências de 1903 de Peirce é completamente triádico. Como aponta Kent (1987, p. 49-50), ele visa uma classificação *natural*, no sentido de uma “classificação das atividades dos cientistas”. A organização triádica, em todos os níveis, implica a classificação das ciências de acordo com o sistema peirciano das três categorias universais de Primeiridade, a categoria das possibilidades, de Secundidade, a categoria dos fatos, e de Terceiridade, a categoria dos hábitos e propósitos.

A concepção de Peirce sobre o lugar da Linguística e da Semiótica no sistema das ciências (Figura 3) é bastante diferente daquelas de Naville e Saussure. Para Peirce, a Semiótica não é uma ciência psicológica ou sociológica. Ao invés disso, a Semiótica é uma variante da Lógica, no sentido mais amplo e geral do estudo dos signos de qualquer tipo. A lógica de Peirce e, portanto, a sua semiótica, não é um ramo da Psicologia. O estudo da lógica, tal como ele a concebe, não é um estudo dos processos mentais. Diferentemente da classificação de Naville, que distingue entre a Nomologia (a Ciências das Leis) e as Ciências Psicológicas (entre elas, a Semiologia e a Linguística), a Semiótica de Peirce, concebida como Lógica, é uma ciência das leis, a “ciência das leis gerais dos signos” (CP 1.191, 1902). Peirce a classifica como a terceira das Ciências Normativas, que são a Estética, a Ética e a Lógica. Segundo a síntese de Kent (1987, p. 131), as Ciências Heuréticas “buscam somente aprender novas verdades; elas estão preocupadas com a descoberta por si só”; as Ciências da Revisão “buscam tornar os trabalhos de descoberta compreensíveis no seu sentido mais amplo”, e as Ciências Práticas são as ciências aplicadas que “buscam satisfazer os desejos humanos”.

Quadro 2: A Linguística e a Semiótica no quadro das ciências em geral, de 1903.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No primeiro nível do sistema das ciências de Peirce, a Semiótica e a Linguística ainda pertencem à mesma divisão. Ambas são Ciências da Descoberta ou Ciências Heuréticas e não Ciências da Revisão ou Ciências Práticas. As Ciências Heuréticas são as ciências de Primeiridade na medida em que o estudo dos sistemas é um estudo das possibilidades. Neste nível, o que a Linguística e a Semiótica possuem em comum é que ambas são ciências teóricas preocupadas com pesquisas que levam a descobertas e a novos *insights* para as próprias ciências. No âmbito da Linguística, isso significa que Peirce concebia o estudo da língua como uma ciência teórica. Isso exclui a Linguística Aplicada, que pertenceria às “Ciências Práticas”.

É na subdivisão triádica das Ciências Heuréticas que a Linguística e a Semiótica se separam. A primeira das subclasses das Ciências Heuréticas é a Matemática, uma ciência de Primeiridade pura, porque ela lida tão somente com formas possíveis sem qualquer preocupação com coisas factuais. Novamente, isso exclui a Matemática Aplicada, que é uma Ciência Prática. A segunda e a

terceira classe das Ciências Heuréticas são a Cenoscopia e a Idioscopia (*nota bene*: não “Ideoscopia”).

Essa distinção entre a Cenoscopia e a Idioscopia advém de Jeremy Bentham (1843, v. 8, p. 83). Ambas as ciências enunciam um “escopo”, uma “visão” ou mesmo um “panorama” de seu campo de estudo, que caracteriza essas ciências como “teorias”, no sentido etimológico da palavra (do grego, *theorein* “ver, olhar para”). A visão oferecida pela primeira delas é sobre as coisas “comuns” (do grego, *coeno-*), enquanto a segunda lida com as coisas “especiais” (do grego, *idio-*).

A diferença entre as duas ciências explica por que a Semiótica e a Linguística são fundamentalmente diferentes para Peirce. A Semiótica é uma ciência “comum”, no sentido de uma ciência “mais fundamental”. As ciências cenoscópicas “lidam com verdades positivas [...], ainda se satisfazendo com observações tal como elas chegam na extensão de toda a experiência normal do homem” (CP 1.241). Essa é a razão pela qual a Semiótica é uma “primeira” filosofia (*philosophia prima*), a ser revisada pela “última” filosofia (*philosophia ultima*) das Ciências Retrospectivas, que é uma classe principal diferente das ciências. A Linguística, por outro lado, é um campo de pesquisa que lida com domínios “especiais”. Conforme Peirce afirmou em 1902, essas ciências dependem “da observação especial, cujo percurso ou outra exploração, ou alguma assistência aos sentidos, seja instrumental ou fornecida pelo treino, junto com uma diligência incomum, foi colocada dentro do poder de seus estudantes” (CP 1.242, 1920).

Outras diferenças entre a Semiótica e a Linguística tornam-se aparentes dentro das respectivas subdivisões das ciências cenoscópicas e idioscópicas. A Cenoscopia possui três ramos: (1) a Fenomenologia, (2) as Ciências Normativas e (3) a Metafísica. A tríade segue claramente o sistema das três categorias universais de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, tal como a tríade no próximo nível inferior de classificação, que subdivide as Ciências Normativas em (1) Estética, (2) Ética e (3) Lógica ou Semiótica. Ao contrário da Semiologia de Saussure, a Semiótica, a ciência das leis gerais dos signos, não é um ramo da Psicologia, porque a Lógica possui as suas próprias leis, que não dependem da cognição ou de outros processos psicológicos. Como uma Ciência Normativa, a Semiótica é “normativa” no sentido de que ela “estabelece regras que deveriam ser, mas que não precisam ser seguidas” (CP 1.575, 1902). Essas ciências “são as ciências puramente mais teóricas das mais puramente teóricas” (CP 1.281, 1902).

As Ciências Idioscópicas, como o quadro geral para a Linguística, são as únicas que não possuem uma subdivisão triádica. A sua divisão dúplici é composta pelas Ciências Físicas e Psíquicas. Kent (1987, p. 186) observa que essa subdivisão binária “apresenta uma dissonância no sistema tricotômico”, mas

ela também ressalta que “Peirce, em um certo momento, sugeriu que uma terceira divisão emergiria com o tempo, de modo a observar ‘as operacionalizações de ideias’ como Verdade, Humanidade etc.”. Em seu sistema das ciências de 1903, Peirce designa as Ciências Psíquicas alternativamente por “Ciências Humanas”.

Peirce dividiu as Ciências Psíquicas na tríade das Ciências Nomológicas, Classificatórias e Psíquicas Descritivas. Conforme Kent resume,

- A divisão *nomológica* estuda os fenômenos ubíquos dos universos físico e psíquico, determinam suas leis gerais e medem as quantidades envolvidas.
- A divisão *classificatória* descreve e classifica os vários tipos dentre os objetos estudados e tenta explicá-los por meio de leis gerais, [e]
- A divisão *descritiva* e *explanatória* descreve objetos e eventos individuais, que ela, posteriormente, busca explicar (Kent, 1987, p. 134).

Segundo esse modelo, a Linguística é a segunda das três subdivisões das Psíquicas Classificatórias, localizada entre a primeira, Psicologia Especial, e a terceira, a Etnologia propriamente dita. Ao subsumir a Linguística sob o título de uma ciência psíquica, Peirce concorda com Saussure, mas Saussure não consentiria em definir a Linguística como uma ciência classificatória. Para ele, a Linguística era uma ciência das leis, ou seja, “das leis da vida da língua”, como diz Naville (1901, p. 104). A classificação de Peirce dos linguistas é um indicativo da perspectiva pré-saussuriana em relação à língua no campo das Linguísticas Histórica e Comparativa, que Saussure revolucionou com a sua mudança paradigmática da Linguística Diacrônica para a Sincrônica. A caracterização de Peirce das ciências linguísticas como um estudo comparativo é a seguinte: “A *Linguística* [é] uma ciência vasta, dividida de acordo com as famílias discursivas e uma divisão cruzada em (1) Linguística da Palavra; (2) Gramática; e deve haver uma ciência comparativa das formas de composição” (Peirce, 1998, p. 261 [1903]).

## 5. Um olhar sobre as visões do lugar da linguística em relação à semiótica no século XX

A tentativa ambiciosa de elaborar uma classificação abrangente das ciências em geral foi amplamente abandonada no século XX, pelo menos no campo da pesquisa em Linguística e em Semiótica e seus contextos. Para além da aversão pós-estruturalista contra as taxonomias e as hierarquias em geral (Deleuze, Derrida), mencionadas no parágrafo introdutório deste artigo, o novo

conceito de interdisciplinaridade contribuiu para a dissolução das fronteiras entre as ciências.

Típico para essa visão interdisciplinar da semiótica é a definição da teoria geral dos signos de Charles Morris. Alinhado com o projeto ambicioso de encontrar um lugar para a Semiótica no âmbito do projeto de uma Ciência Unificada, Morris (1971, p. 73 [1964]) declarou: “a Semiótica tem como objetivo uma teoria geral dos signos em todas as suas formas e manifestações, seja nos animais ou nos homens, seja normal ou patológica, seja linguística ou não linguística, seja pessoal ou social. A Semiótica é, portanto, um empreendimento interdisciplinar”. Como ciências envolvidas no empreendimento interdisciplinar da Semiótica, Morris (1979, p. 1 [1938]) enumerou a “Linguística, Lógica, Biologia, Antropologia, Psicopatologia, Estética e Sociologia”.

Dentro do concerto das ciências, Morris atribuiu um papel duplo à Semiótica, tanto de uma ciência individual em pé de igualdade com outras ciências, tal como a Linguística, a Lógica e a Biologia, como de uma ferramenta de pesquisa para as ciências, quando ele declarou que a Semiótica seria “tanto uma ciência entre as ciências, como um instrumento para as ciências” (Morris, 1979, p. 2). Como uma ciência individual, a Semiótica estuda “as coisas ou as propriedades das coisas em sua função de servir como signos”, mas “visto que toda ciência faz uso ou expressa seus resultados em termos de signos, a metaciência (a ciência das ciências) deve utilizar a Semiótica como um *organon*” (Morris, 1979, p. 2). Essa visão do papel da Semiótica em relação à Linguística lembra o que Ferdinand de Saussure tinha dito sobre a relação entre a Linguística e a Semiótica: “A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral”, enquanto “as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos” (Saussure, 2006, p. 24[1916]).

Na história da Semiótica da segunda metade do século XX, os sucessores de Saussure logo diferiam em suas concepções sobre a relação entre a Semiótica e a Linguística (ver Nöth, 1990a, p. 229-231; Sebeok, 1991):

- a) “*a Linguística é uma parte da Semiótica*”, como Ernst Cassirer (1945, p. 115) declara de modo contundente, era a concepção de um grupo. Entre aqueles que adotaram essa posição estava Roman Jakobson, cuja análise da relação entre as duas ciências era: “o objeto da Semiótica é a comunicação de mensagens, enquanto o campo da linguística se restringe à comunicação de mensagens verbais. Portanto, dessas duas ciências do homem, a segunda tem um escopo mais estreito” (Jakobson, 1970, p. 20-21). De acordo com essa concepção genuinamente saussuriana, a Semiótica inclui a Linguística;

- b) *a Linguística é uma ciência-piloto da e para a Semiótica*. Essa posição é a segunda perspectiva saussuriana da relação entre as duas ciências, um corolário da primeira. Ela deriva da máxima saussuriana de que a Linguística é o padrão geral (*patron générale*) da Semiologia, que inspirou gerações de semioticistas estruturalistas, desde Claude Lévi-Strauss, a tomar a Linguística como um “padrão de toda Semiologia, se bem a língua não se configurar senão como um sistema particular” (Saussure, 2006, p. 82[1916]). Portanto, o papel da Linguística na Semiótica é heurístico. A Linguística pode servir como um guia para a Semiótica porque ela é mais antiga do que a Semiótica. Um outro aspecto desse argumento é que a língua é o sistema sígnico mais altamente desenvolvido e, portanto, pode melhor explicar os princípios dos signos em geral. Bloomfield (1974, p. 55 [1939]) adotou tal perspectiva quando argumentou que “a Linguística é a maior contribuidora para a Semiótica”<sup>2</sup>. Do mesmo modo, Weinreich (1968, v. 14, p. 164) se referiu à língua natural como “um fenômeno semiótico por excelência”.<sup>3</sup>
- c) *a Semiótica é o estudo dos signos, sem contar os verbais* era a opinião de outros autores, entre eles Pierre Guiraud, que declarou que como “é geralmente reconhecido que a língua tem um status privilegiado e autônomo [...], isso permite que a Semiologia seja definida como um estudo dos sistemas de signos não linguísticos” (Guiraud, 1975, p. 1 [1971]).<sup>4</sup> De acordo com essa concepção, a Semiótica seria uma ciência adjacente à Linguística;
- d) *a Semiótica é um ramo da Linguística*. Essa perspectiva da Semiótica, tão provocativa como revolucionária, foi proposta inicialmente por Roland Barthes. De acordo com a sua concepção, a Semiologia é o estudo “cujas unidades não são mais os monemas ou os fonemas, mas fragmentos mais extensos do discurso. [...] A Semiologia é talvez, então, chamada a absorver-se numa *translinguística*, cuja matéria será ora o mito, a narrativa, o artigo de imprensa, ora os objetos de nossa civilização, tanto quanto sejam *falados* (por meio da imprensa, do prospecto, da entrevista, da conversa)” (Barthes, 2006, p. 12-13 [1964]). Sob essa perspectiva, a Semiótica é ao mesmo tempo uma extensão da Linguística, tal como Barthes a via, como também a redução da Semiótica à Linguística Textual (ver Engler, 1970, p. 64-65);

---

<sup>2</sup> Citação na língua original: “Linguistics is the chief contributor to semiotic”.

<sup>3</sup> Citação na língua original: “the semiotic phenomenon par excellence”.

<sup>4</sup> Citação na língua original: “It is generally accepted that language has a privileged and autonomous status [...], this allows semiology to be defined as the study of nonlinguistic sign systems”.

e) *a Linguística é uma metaciência da Semiótica*. Essa posição bastante logocêntrica, que inverte a posição de Charles Morris discutida acima da Semiótica como uma metaciência da Linguística, é característica das declarações de Émile Benveniste sobre a relação entre as duas ciências. Benveniste (1989) distingue três tipos de relação entre sistemas semióticos, cada qual implicando um tipo de relevância heurística da língua em relação aos outros sistemas semióticos:

- 1) uma relação de engendramento: uma língua pode engendrar outros sistemas semióticos, tais como a linguagem científica e artificial ou sistemas religiosos e jurídicos;
- 2) uma relação de homologia (ou isomorfismo);
- 3) uma relação de tradução ou interpretância: a língua é o sistema interpretante de todos os outros sistemas semióticos (Benveniste, 1989, p. 61-62 [1969]).

O último argumento, claramente inspirado pela máxima de Hjelmslev (1975, p. 115 [1943]) de que “uma língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas”, é o seguinte:

Nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores, em imagens. Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua. Que a língua seja aqui instrumento e não objeto de análise não muda nada nesta situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos. [...] Daí decorre que somente ela pode conferir – e confere efetivamente – a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo (Benveniste, 1989, p. 61-64 [1969]).

f) *a mal-entendida complementaridade entre a Semiótica e a Linguística* é o tema das reflexões de Greimas e Courtés sobre a relação entre essas duas ciências, nas quais eles criticam o argumento do primado de uma delas sobre a outra:

O último ponto de litígio reside, por fim, na avaliação das relações entre a linguística e a semiologia/semiótica. Aparentemente, a semiologia recusa o primado da linguística ao insistir na especificidade dos signos e das organizações que se podem reconhecer no interior das semióticas não linguísticas, ao passo que a semiótica é considerada como estreitamente ligada aos métodos da linguística. Na realidade – e isso é particularmente nítido no domínio das semióticas visuais [...], a semiologia postula, de maneira mais ou menos explícita, a mediação das línguas naturais no processo de leitura dos significados pertencentes as semióticas não linguísticas (imagem, pintura, arquitetura etc.), ao passo que a

semiótica a recusa. A partir do *Sistema da Moda*, que é a mais hjelmsleviana das obras de Barthes, e também onde, para descrever a semiótica vestimentar, ele se serve da mediação da “moda escrita” (sem esquecer, porém, que aí se trata de uma questão de comodidade e não de diretiva metodológica), chega-se a conceber a semiologia da pintura como sendo a análise do discurso sobre a pintura. O mal-entendido remonta à época em que os teóricos da linguística, como Jakobson, lutando contra o psicologismo do “pensamento”, expresso por essa espécie de “ferramenta” que é a linguagem, afirmavam alto e bom som o caráter indissolúvel dessas duas “entidades”. Reconhecer que não existe linguagem sem pensamento, nem pensamento sem linguagem, não implica se devam considerar as línguas naturais como o único receptáculo do “pensamento”; as outras semióticas, não linguísticas, são igualmente linguagens, isto é, formas significantes. Sendo assim, o “sentido” (particípio do verbo *sentir*), o “vivido”, termos com os quais designamos, por exemplo, o alcance que as formas arquiteturais têm sobre nós, nada mais são do que os significados dessas formas, explicados, conforme acreditamos, por uma metalinguagem construída, mais ou menos adequada, mas arbitrária (Greimas; Courtés, 2008, p. 407-408).

A tese de Benveniste de que a língua é uma metassemiótica de signos não verbais foi também atacada por Thomas A. Sebeok, que a condenava como uma “declaração *ex cathedra* [...] nada mais do que um dogma sem substância”<sup>5</sup> (Sebeok, 1985, p. 296-297 [1977]). Embora seja verdade que a língua tenha sido um instrumento típico de análise no estudo de signos não verbais – filmes e vídeos são também importantes atualmente –, isso não significa que os signos não verbais dependam ou sejam derivados de signos verbais. A perspectiva logocêntrica da Linguística como uma metaciência da Semiótica confunde o objeto com o metanível de análise. A partir da perspectiva da biossemiótica e da semiótica da cultura não verbal humana, Sebeok conclui que o argumento da traduzibilidade geral em signos verbais é, “no mínimo, suscetível de introduzir falsificações graves ou, assim como a maioria das músicas, desafia completamente uma definição verbal compreensível”<sup>6</sup> (Sebeok, 1985, p. 296-297).

## 6. O futuro da semiótica? Conclusão e comentários especulativos sobre a semiótica no século XXI

Se a história exclui o presente, é certamente cedo demais para pronunciar-se sobre o lugar da Semiótica entre as ciências do século XXI neste artigo. No entanto, já ficou claro que, durante as duas primeiras décadas do século, o debate a respeito da relação entre ambas as ciências da Linguística e da Semiótica, tão

---

<sup>5</sup> Citação na língua original: “*ex cathedra*’ declaration [...] hardly more than an unsubstantiated dogma”.

<sup>6</sup> Citação na língua original: “at best, likely to introduce gross falsification, or, like most music, altogether defy comprehensible verbal definition”.

no centro das atenções dos semioticistas do século XX, agora pertence tanto à história da Semiótica quanto ao interesse por um sistema geral de todas as ciências no século XIX.

Na Semiótica contemporânea, novos avanços na pesquisa interdisciplinar ampliaram o escopo. A Semiótica não está mais restrita a uma abordagem translinguística ou à realização de estudos textuais semiolinguísticos. Logo, a relação entre a Semiótica e as demais ciências não é mais somente uma questão da relação entre a Semiótica e a Linguística. Tampouco a Semiótica restringe-se à antropossemiótica, ou seja, ao estudo da semiose humana. Hoje, a Semiótica possui relações com uma infinidade de outras ciências e interdisciplinas para além da Linguística. Tal como a “semiótica global”<sup>7</sup> (Sebeok, 2001), ela possui conexões transdisciplinares com uma miríade de ciências, que também constituem a fundação de novos ramos da Semiótica, como a biossemiótica, a ecossemiótica, zoosemiótica, fitossemiótica, micossemiótica, cibersemiótica, tecnossemiótica, ou fisiossemiótica, para citar somente alguns.

Além disso, modelos alternativos da estrutura das ciências ganharam lugares de destaque. Semioticistas não dependem mais de sistemas hierárquicos que atribuem um lugar fixo à Semiótica no sistema taxonômico das ciências. Hoje, o estudo dos signos está sendo reinterpretado como um estudo das *esferas*, o que promove um diálogo com a nova metáfora da organização do conhecimento proposta por Sloterdijk (1998, 1999, 2004). Yuri Lotman foi o primeiro a propor a variante semiótica desse modelo de organização do conhecimento, quando, em 1984, ele distinguiu entre a semiosfera e outras esferas do conhecimento, tal como a noosfera e a biosfera (ver Kotov; Kull, 2011). Se a cosmosfera do universo material, na qual as biosferas e as semiosferas estão inseridas, também deve ser colocada na agenda semiótica como um campo de pesquisa a ser estudado sob as perspectivas quasissemióticas, isso ainda é uma questão em aberto (ver Nöth, 2017). ●

## Referências

AMPÈRE, André-Marie. *Essai sur la philosophie des sciences, ou exposition analytique d'une classification naturelle de toutes les connaissances humaines*. Paris: Bachelier, 1834.

BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 2006 [1605].

BACON, Francis. *The works of Francis Bacon*. de augmentis scientiarum, v. 2. London: M. Smith, 1815 [1620]. v. 2.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1964].

---

<sup>7</sup> Citação na língua original: “*global semiotics*”.

- BENTHAM, Jeremy. *The works of Jeremy Bentham*. Edinburgh: William Tait, 1843. v. 8.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989 [1969].
- BLOOMFIELD, Leonard. *Linguistic aspects of science*. Chicago: Chicago University Press, 1939. (International Encyclopedia of Unified Science, Foundations 1.4).
- CASSIRER, Ernst. Structuralism in modern linguistics. *Word*, v. 1, n. 2, p. 99-120. 1945. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00437956.1945.11659249>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- CLASSIFICATIO of the sciences (Peirce), 2023. In: *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Classification\\_of\\_the\\_sciences\\_\(Peirce\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Classification_of_the_sciences_(Peirce)). Acesso em: 29 fev. 2024.
- ENGLER, Rudolf. Semilogische Lese. In: DIERICKX, Joseph; LEBRUN, Yvan (ed.). *Linguistique contemporaine*. hommage à Eric Buyssens. Bruxelles: Institut de Sociologie, 1970. p. 61-73.
- ENGLER, Rudolf. Sémiologies sussuriennes: 2. Le Canevas. *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, v. 34, p. 3-16, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2016 [1966].
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 2008 [1979].
- GUIRAUD, Pierre. *Semiology*. London: Routledge & Kegan, 1975 [1971].
- HARRIS, Harris. *Rethinking writing*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1961]. (Coleção Estudos, 43).
- JAKOBSON, Roman. A linguística em suas relações com outras ciências. In: JAKOBSON, R. *Linguística, poética, cinema*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 11-64.
- KENT, Beverly. *Charles S. Peirce: logic and the classification of the sciences*. Kingston: McGill-Queen's University Press, 1987.
- KOTOV, Kaie; KULL, Kalevi. Semiosphere is the relational biosphere. In: EMMECHE, Claus; KULL, Kalevi (ed.). *Towards a semiotic biology*. London: Imperial College Press. 2011. p. 179-194.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Trad. Anoar Aiex. In: LOCKE, John. *Carta...* São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1690], p. 133-347.
- MEIER-OESER, Stephan. Medieval semiotics. In: ZALTA, Edward Nouri et al. (ed.), *The Stanford encyclopedia of philosophy*. 2011. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/semiotics-medieval/>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- MORRIS, Charles. *Foundations of the general theory of signs*. Chicago: Chicago University Press, 1979 [1938].
- MORRIS, Charles. Signs, language, and behavior. In: MORRIS, Charles. *Writings of the general theory of signs*. The Hague: Mouton, p. 73-398. 1971[1964].
- NAVILLE, Adrien. *Nouvelle classification des sciences : Étude philosophique*. Paris: Félix Alcan, 1901.

- NÖTH, Winfried. *Handbook of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1990a.
- NÖTH, Winfried. Thought signs on semiotics as a (trans)discipline. *Semiotica*, v. 80, p. 311-319, 1990b.
- NÖTH, Winfried. Varieties of nonhuman semiosis. In: QUARESMA, Alexandre (ed.). *Artificial intelligences: Essays on inorganic and non-biological systems*. Madrid: Global Knowledge Academics, 2017, p. 179-192.
- PARK, Roswell. *Pantology; or, a systematic survey of human knowledge; proposing a classification of all its branches, and illustrating their history, relations, uses, and objects; with a synopsis of their leading facts and principles; and a select catalogue of books on all subjects, suitable for a cabinet library....* Philadelphia: Hogan & Thompson, 1843.
- PEIRCE, Charles Sanders. An outline classification of the sciences. In: PEIRCE EDITION PROJECT (ed.). *The Essential Peirce*. Bloomington: Indiana University Press, 1998, v. 2, p. 258-266 (citado como EP2).
- PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*, vol. 1-6, ed. Charles Hartshorne; Paul Weiss, vol. 7-8, ed. Arthur Walter Burks. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958 (citado como CP).
- PIETARINEN, Ahti-Veikko. Interdisciplinarity and Peirce's classification of the sciences: a centennial reassessment. *Perspectives on Science*, v. 14, n. 2, p. 127-152. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/posc.2006.14.2.127>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- RÖTZER, Andreas. *Die Einteilung der Wissenschaften*. Passau: Diss. Phil, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1986].
- SCHINZ, Albert. A new classification of the sciences. *The Monist*, v. 13, n. 3, p. 456-463, 1903.
- SEBEOK, Thomas Albert. *Global semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- SEBEOK, Thomas Albert. Linguistics and semiotics. In: SEBEOK, Thomas Albert. *A sign is just a sign*. Bloomington: Indiana University Press, 1991. p. 59-67.
- SEBEOK, Thomas Albert. Zoosemiotic components of human communication. In: INNIS, Robert E. (ed.). *Semiotics: an introductory anthology*. Bloomington: Indiana University Press, 1985 [1977]. p. 294-324.
- SHIELDS, Christopher. Aristotle. In: ZALTA, Edward Nouri *et al.* (ed.). *The Stanford encyclopedia of philosophy*, 2006. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/aristotle/>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- SLOTERDIJK, Peter. *Sphären I-III*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1998, 1999, 2004.
- SNOW, Charles Percy. *The two cultures and the scientific revolution*. New York: Cambridge University Press, 1961[1959].
- UZGALIS, William. John Locke. In: ZALTA, Edward Nouri *et al.* (ed.). *The Stanford encyclopedia of philosophy*, 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/locke/>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- WEINREICH, Uriel. Semantics and semiotics. In: SILLS, David (ed.). *International encyclopedia of the social sciences*. New York: Macmillan, 1968. v. 14, p. 164-69.
- WILLIAMS, Leslie. Pearce. Ampère. In: GILLISPIE, Charles Coulston. (ed.). *Dictionary of scientific biography*. New York: Scribner, 1970. v. 1, p. 139-147.

---

## Linguistics and semiotics in the framework of the sciences in general: Naville, Saussure, and Peirce

 NÖTH, Winfried

Translated by:

 SANCASSANI, Victor

---

**Abstract:** The paper examines the place of semiotics and linguistics, as well as their historical precursors in the framework of the sciences in general. Early classifications of the sciences considered include those of Aristotle, the Scholastics, Francis Bacon, and John Locke. The focus of this paper is on XIXth-century systems. After a cursory glance at André-Marie Ampère's and Roswell Park's systems, the study will turn to the classifications of linguistics and semiotics within the systems of Adrien Naville, Ferdinand de Saussure, and Charles S. Peirce. The paper provides a brief survey of XXIst-century views on the place of linguistics in its relation to semiotics before concluding with a study of semiotics among the sciences of the XXIst century.

**Keywords:** classification of the sciences; linguistics; semiotics; Ferdinand de Saussure; Charles S. Peirce.

---

### Como citar este artigo

NÖTH, Winfried. A linguística e a semiótica no quadro geral das ciências: Naville, Saussure e Peirce. *Estudos Semióticos [online]*, vol. 20, n. 1. São Paulo, abril de 2024. p. 80-100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

NÖTH, Winfried. A linguística e a semiótica no quadro geral das ciências: Naville, Saussure e Peirce. *Estudos Semióticos [online]*, vol 20, issue 1. São Paulo, April 2024. p. 80-100. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 26/09/2023.

Data de aprovação do artigo: 15/02/2024.

---

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

